

REDUÇÃO DA NASALIDADE EM DITONGOS NO PORTUGUÊS FALADO NO SUL DO BRASIL

César Augusto GONZÁLEZ* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Eduardo Elisalde TOLEDO** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luiz Carlos SCHWINDT*** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Taís BOPP DA SILVA**** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

ABSTRACT: *In this article we present the methodological aspects of our research on the reduction of the nasality in diphthongs of the Portuguese spoken in the south region of Brazil. Our research takes as a starting point the studies of Battisti (2002) and Bopp da Silva (2005).*

KEYWORDS: *nasal diphthongs; nasality reduction; linguistic variation.*

0. Introdução

O presente texto trata da pesquisa em andamento sobre a redução dos ditongos nasais átonos no português falado no sul do Brasil. Por ser essa uma pesquisa muito incipiente, trataremos aqui apenas uma discussão sobre os aspectos metodológicos do trabalho.

A pesquisa está sendo realizada com acesso às entrevistas do banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana do Sul do País, doravante Projeto VARSUL.

O artigo se constitui de quatro seções. A presente seção se dedica a explicitar a organização do artigo ao leitor. A seção 1 introduz o fenômeno que está sendo analisado e faz rápidas considerações acerca do modelo teórico que utilizamos e sobre a literatura-base de nosso trabalho. A seção de 2 se dedica a uma breve análise das metodologias utilizadas nos trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), que servem de ponto de partida para nossa pesquisa, buscando relacionar as diferenças e as semelhanças desses trabalhos.

A última seção deste texto busca explicar e justificar as variáveis que controlaremos em nosso estudo, explicitando assim nossa metodologia. A mesma seção possui também considerações sobre a fase atual da pesquisa.

1. Abordagem do fenômeno

Ditongos nasais átonos em final de palavra podem se realizar variavelmente no português brasileiro. Os falantes produzem tanto formas que preservam nasalidade e ditongo, quanto formas em que a nasalidade é reduzida, ou seja, o ditongo perde seu traço nasal e ocorre a monotongação¹. Trazemos os dados abaixo para exemplificar o fenômeno investigado:

acham ~ achu
deixaram ~ deixaru
existem ~ existi
falassem ~ falasi
ordem ~ ordi
ontem ~ onti
bobagem ~ bobagi

* Bolsista de Iniciação Científica – FAPERGS

** Bolsista de Iniciação Científica – CNPq

*** Professor do Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria Literária

**** Bolsista de Doutorado – CNPq

¹ Poderíamos argumentar, ainda, que existe um “estágio intermediário” no qual está presente a nasalidade, mas há redução do ditongo. Esse estágio pode ser verificado em formas como as das palavras *homem*, *eram* e *viagem*, pronunciadas como *homim*, *erum* e *viagim*. Essas formas serão tratadas como não-aplicação da regra de redução, por não apresentarem a queda da nasalidade, como será explicado mais adiante.

Nossa pesquisa trata o fenômeno da redução da nasalidade como uma regra variável, nos moldes da Teoria da Variação de Labov (1966; 1969). Sendo assim, nos preocuparemos em investigar as variáveis lingüísticas e extralingüísticas envolvidas e qual a sua influência na aplicação da regra.

Como já foi dito, tomamos como ponto de partida as análises de Battisti (2002) e de Bopp da Silva (2005) para o mesmo fenômeno. Ambas as autoras estudam a redução da nasalidade em ditongos do ponto de vista da Teoria da Variação. Nosso estudo vem na direção de complementar e ampliar as pesquisas anteriores, uma vez que ele busca analisar dados de fala de todas as doze localidades que compõem o banco de dados do Projeto VARSUL². Esperamos que esse olhar global sobre os falares do sul do Brasil possa proporcionar discussões sobre a importância das origens étnicas de uma determinada comunidade de fala sobre os fenômenos de natureza lingüística, uma vez que as localidades que fazem parte desse banco de dados têm origens étnicas diferenciadas³.

2. Revisão das análises de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005)

Esta seção do trabalho se preocupa em apresentar as semelhanças e diferenças entre as análises de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005). Como o artigo trata apenas da metodologia de nossa pesquisa, somente esse aspecto dos trabalhos anteriores será analisado nesta seção.

Começamos pelo texto de Battisti (2002). Depois de uma breve revisão da literatura sobre os ditongos nasais átonos, a autora delinea os grupos de fatores que controla⁴. São eles: *localização geográfica, escolaridade, sexo, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, vogal do ditongo e classe de palavra*. No caso das variáveis extralingüísticas, a autora salienta que elas foram escolhidas em conformidade com as possibilidades do banco de dados utilizado: o banco de dados do Projeto VARSUL. Esse banco registra, além das variáveis controladas por Battisti, a variável idade, que a autora se permitiu não analisar com base em estudos anteriores.

O grupo de fatores *localização geográfica* é dividido em três variáveis: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Os dados que a autora recolheu provêm de três cidades em cada estado. Da capital dos estados foram analisadas 18 entrevistas. Outras 12 entrevistas foram distribuídas igualmente entre duas cidades do interior de cada estado.

Os fatores que compõem *escolaridade* são aqueles que o banco de dados do VARSUL propõe, ou seja: (a) de zero a quatro anos de estudo, (b) de cinco a oito anos de estudo e (c) de nove a onze anos de estudo.

Os fatores de *vogal do ditongo* eram, inicialmente, as vogais [o], [e] e [a]. Entretanto, esse grupo de fatores teve que ser revisto. O fator *vogal [o]* obteve um número de dados muito pequeno. De um total de 5.644 dados, apenas 46 tinham como vogal do ditongo a vogal [o]. Além disso, todos eles são dados de nomes de pessoas, como *Adilson, Milton* ou *Nelson*. Isso fez com que a autora amalgamasse os fatores *vogal [e]* e *vogal [o]*, criando assim a oposição entre vogais médias e vogal baixa. Mesmo assim, a autora acabou por descartar esse grupo de fatores de sua análise, pois, depois da amalgamação, os dados acabaram gerando um peso relativo idêntico para ambos os fatores.

² As cidades do Rio Grande do Sul pertencentes ao Projeto VARSUL são Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. As cidades de Santa Catarina são Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó. As localidades do Paraná são Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco.

³ Para informações sobre as origens étnicas de cada localidade do banco de dados do VARSUL, ver tabela em anexo.

⁴ A revisão da literatura promovida por Battisti inclui uma pequena seção sobre a história dos ditongos nasais átonos. Essa revisão argumenta que a redução da nasalidade em ditongos átonos acontece desde muito cedo na língua portuguesa. Os ditongos nasais teriam surgido em palavras que possuíam nasais intervocálicas. O primeiro passo teria sido a nasalização da vogal precedente. Depois ocorreu a queda da nasal. A nasalidade passou à vogal seguinte e mais tarde se formou o ditongo. Nos casos em que a sílaba resultante era tônica, a nasalidade se manteve. Em casos em que a sílaba resultante era átona, esses processos teriam ido mais adiante. Na maior parte das palavras, ocorreu a queda do traço nasal, com exceção das palavras cujas vogais finais eram ambas *-e*, como ocorre com *homine* > *homêe* > *homê* [as sílabas sublinhadas são tônicas] (Battisti, 2002: 184). Para essas palavras, entretanto, há a ressalva de que existam dialetos em que o traço nasal também desaparecia – muito parecido com o que ocorre hoje em dia com os ditongos nasais átonos.

A análise proposta por Bopp da Silva (2005) toma como base o estudo de Battisti (2002), porém, com diferenças significativas. A estratificação proposta por Bopp da Silva parte do grupo de fatores *bilingüismo*. A autora analisa em sua amostra dados de fala de duas comunidades distintas: Porto Alegre e Panambi. Ela parte da idéia de que, sendo Panambi uma cidade de colonização alemã, os falantes daquela cidade poderiam ser classificados como bilíngües, uma vez que todos os informantes selecionados nasceram na cidade e possuíam noções da língua alemã, se é que não a falavam. A autora buscou garantir que seus informantes se encaixassem nesse perfil através da audição cuidadosa da entrevista de cada um. No total, analisou 24 entrevistas, sendo 12 de cada cidade.

A autora também controlou o grupo de fatores *idade*. Apesar do banco de dados do Projeto VARSUL não possuir uma faixa de idade intermediária que fosse capaz de garantir a distância entre as idades dos informantes das faixas etárias mais jovens e mais velhas, a pesquisadora procurou garantir o maior distanciamento possível das idades dos informantes durante a seleção das entrevistas⁵. Sua intenção era evitar que informantes classificados em faixas etárias distintas possuísem idades muito próximas.

Como Battisti, a autora controla o nível de escolaridade dos informantes. Entretanto, ela os diferencia em apenas dois níveis de escolarização: (a) de zero a quatro anos e (b) de nove a doze anos. Bopp da Silva argumenta que assim espera evitar que os resultados das faixas extremas se obscureçam.

Dentre as variáveis lingüísticas, foram analisadas a *vogal do ditongo* (observando-se a oposição *vogais médias vs. vogal baixa*, de Battisti), *contexto precedente*, *consoante do onset*, *contexto seguinte*, *tonicidade do contexto seguinte* e *classe de palavra*.

3. Metodologia

Passemos à exposição de nossa metodologia.

Nossa amostra se constitui por 144 entrevistas. Sendo dessas, 24 provenientes da pesquisa de Bopp da Silva (2005) e outras 47 da pesquisa de Battisti (2002). Além das entrevistas cedidas pelas pesquisadoras, ouvimos e codificamos outras 73.

A variável dependente em nosso estudo é *redução da nasalidade em ditongos*. Essa variável é caracterizada por

- (a) aplicação: *homí, possu, coragi*
- (b) não-aplicação: *homem, possam, coragem*

São considerados casos de não-aplicação os dados em que a nasalidade não está presente.

As variáveis independentes extralingüísticas são *localidade*, *idade* e *escolaridade*. A amostra é estratificada conforme o esquema que segue:

Doze Localidades	Acima de 50 anos de idade	Até 4 anos de estudo
		De 9 a 11 anos de estudo
	Abaixo de 50 anos de idade	Até 4 anos de estudo
		De 9 a 11 anos de estudo

Como Bopp da Silva (2005), procuramos manter uma distância razoável entre as idades dos informantes. Quanto à variável escolaridade, escolhemos controlar apenas os extremos para que a faixa escolar intermediária não obscureça os resultados.

Apesar de sabermos que a pesquisa variacionista deve preencher cada célula social com, ao menos, cinco entrevistas, nossa estratificação recebeu apenas três. Isso se deve ao fato de que a massa de dados coletados é muito grande, o que torna difícil dar conta desse quesito mesmo quando utiliza um banco com o porte do Projeto VARSUL.

⁵ O banco de dados do Projeto VARSUL divide seus informantes em duas faixas etárias: de 25 a 50 anos e acima de 50 anos. Atualmente, contudo, o Banco vem sendo ampliado para incluir, também, informantes adolescentes.

As variáveis independentes lingüísticas são *vogal do ditongo*, *consoante do onset*, *contexto seguinte*, *tonicidade do contexto seguinte* e *classe de palavra*.

O grupo de fatores *vogal do ditongo* é composto por

- (a) vogais médias: *Adilson, fogem*
- (b) vogal baixa: *votaram*

Apesar de Battisti (2002) ter rejeitado essa variável após ter obtido pesos relativos iguais para ambos os fatores e, na pesquisa de Bopp da Silva (2005), esse grupo de fatores não ter sido selecionado, nós o estamos controlando. Baseamos nossa decisão no texto de Jesus (2002), que aponta para diferenças na nasalização das vogais. Segundo a autora, a vogal baixa [a] tem maior tendência à nasalização que as vogais médias [e] e [o].

A variável *consoante do onset* é composta pelos seguintes fatores:

- (a) consoante nasal: *ensinem*
- (b) consoante não-nasal anterior: *preocupam*
- (c) consoante não-nasal posterior: *trabalham*
- (d) onset vazio: *iam (i_am)*

As análises anteriores sugerem que haja uma distinção entre a presença ou ausência do onset. Na presença da consoante no onset da sílaba do ditongo há maiores chances de ocorrer a queda da nasalidade. Quando o onset da sílaba é vazio, a redução da nasalidade é inibida.

Outro ponto a se salientar é o fato de que a análise de Battisti (2002) sugere que, dentro desse grupo de fatores, as consoantes não-nasais posteriores sejam maiores favorecedoras da regra, ao passo que Bopp da Silva (2005) encontra em sua análise maior peso relativo para o fator consoante nasal. Nossa análise pretende discutir esses resultados.

A variável *contexto seguinte* é composta pelos fatores

- (a) consoante nasal: *quisesem não*
- (b) consoante não-nasal: *foram todos*
- (c) vogal: *reúnam os*
- (d) pausa: *podiam #*

As análises anteriores sugerem que o fator *vogal* seja o de maior influência na aplicação da regra. Ambas as análises às quais nos referimos, sugerem um peso relativo próximo de .60 para esse fator. Os outros fatores do grupo não parecem influenciar a aplicação da regra.

A variável *tonicidade do contexto seguinte* não foi controlada por Battisti (2002). Entretanto, em seu texto, a autora sugere o seu controle, pois observou que os casos em que o contexto seguinte é átono e vocálico pareciam facilitar a redução dos ditongos e poderiam provocar ressilabação. Bopp da Silva (2005) controla esse grupo e seus dados parecem confirmar a hipótese de Battisti. Os fatores controlados são

- (a) contexto seguinte tônico: *fazem 'festa*
- (b) contexto seguinte átono: *pescam en'tão*

Por fim, resta-nos fazer considerações sobre a variável *classe de palavra*, cujos fatores são

- (a) verbos no pretérito: *foram*
- (b) verbos em não-pretérito: *existem*
- (c) substantivos: *homem*
- (d) nomes terminados em *-gem*: *coragem*

Em princípio, espera-se que regras variáveis não estejam sujeitas a condicionamento morfológico. Entretanto, controlaremos esse grupo de fatores por ter-se observado que determinadas formas verbais, ao perderem a nasalidade final, podem gerar ambigüidade com outras formas. Vejamos os exemplos:

(1) (*eles ficam* (terceira pessoa do plural do presente do indicativo), se realizado como [‘fiku] pode gerar ambigüidade com a forma (*eu fico* (primeira pessoa do singular do mesmo tempo e modo).

(2) (*eles fossem* (terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo), se realizado como [‘fosi] pode gerar ambigüidade com a forma (*eu fosse* (primeira pessoa do singular do mesmo tempo e modo).

As análises anteriores apontam para uma divisão entre nomes e verbos nesse sentido. A regra de redução se aplica com maior freqüência a nomes do que a verbos, talvez porque nos nomes a nasalidade final não seja um morfema, mas nos verbos sim. Além disso, separamos os nomes em *-gem*, pois esses possuem um peso ainda maior na aplicação da regra; por serem tão comuns, formas variantes como *garagem ~ garagi* estão ambas registradas no dicionário.

Na fase atual da pesquisa, todas as entrevistas foram ouvidas e codificadas. Os dados provenientes de trabalhos anteriores foram recodificados e adicionados ao total de ocorrências. O próximo passo é a análise estatística, que será feita através dos programas computacionais do Pacote VARBRUL e a análise teórica. O relatório final da pesquisa constituirá capítulo de livro sobre fonologia e variação, organizado por Leda Bisol.

RESUMO: *Neste artigo, apresentamos os aspectos metodológicos de nossa pesquisa sobre a redução da nasalidade em ditongos no português falado no sul do Brasil. Tomamos como ponto de partida os estudos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005).*

PALAVRAS-CHAVE: *ditongos nasais; redução da nasalidade; variação lingüística.*

ANEXOS

A tabela que segue apresenta as doze localidades que fazem parte do banco de dados do Projeto VARSUL e sua influência étnica predominante.

Localidade	Influência étnica
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Capital
Flores da Cunha	Italiana
Panambi	Alemã
São Borja	Fronteira com Argentina
Santa Catarina	
Florianópolis	Capital
Lages	Gaúcha
Blumenau	Alemã
Chapecó	Italiana
Paraná	
Curitiba	Capital
Londrina	Mineira e Paulista
Irati	Eslava
Pato Branco	Gaúcha

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In. BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, Edipucrs: 2002.
- BOPP DA SILVA, Taís. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de palavra entre falantes bilíngües e monolíngües do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras, UFRGS: 2005. Orientação: Dr. Luiz Carlos SCHWINDT.

- JESUS, M. S. V. Estudo fonético da nasalidade vocálica. In. Reis, C. (org.) Estudos em fonética e fonologia do português. *Estudos lingüísticos* 5. FALE – POSLIN – UFMG: 2002.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington D. C., Center for applied linguistics: 1966.
- LABOV, William. Contraction, deletion and inherent variability of the English copula. In. *Language*. Baltimore, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.